



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JOÃO DANILO BATISTA DE OLIVEIRA E  
CARLOS ALEXANDRE ANDRADE DOS SANTOS**

**(depoimento)**

**2012**

**CEME–ESEF–UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-303

**Entrevistado:** João Danilo Batista de Oliveira e Carlos Alexandre Andrade dos Santos

**Nascimento:** 23/07/1978 e 30/09/1984

**Local da entrevista:** Hotel Nacional, Brasília (DF)

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 14/12/2012

**Transcrição:** Carina Kaiser Miranda da Silva

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo e Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 23 minutos e 25 segundos

**Páginas Digitadas:** 8

**Observações:**

Os entrevistados realizaram pequenas alterações depois da transcrição da entrevista

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção dos entrevistados no Programa Segundo Tempo; Atividades da Equipe Colaboradora que atuam; Relato sobre o Projeto Piloto; Formato das capacitações do Programa; Projeto Pedagógico e Projeto Administrativo; Avaliação do processo de capacitação; Esporte educacional; Política de Estado e política pública; Contribuição do Programa Segundo Tempo na formação profissional dos entrevistados

Entrevista para o Projeto Garimpando Memórias. Programa Segundo Tempo hoje é quatorze de dezembro de 2012 com o professor João Danilo Batista de Oliveira e o professor Carlos Alexandre Andrade dos Santos, a cargo da pesquisadora Christiane Macedo.

C.M. – João Danilo, quando iniciou seu envolvimento com o Programa Segundo Tempo?

J.O – Eu entro na Equipe Colaboradora 6 no momento inicial de composição como avaliador, em 2008 e no ano de 2011 passo a ser coordenador da Equipe.

C.M – Quem te convidou para participar ou como foi esse processo?

J.O – Me lembro que em 2008 o professor Amauri<sup>1</sup> procurava contatos com as universidades com cada estado do Brasil para que pudesse constituir as Equipes Colaboradoras. Na época, o professor Luis Alexandre Oxler que estava conosco lá na Bahia como professor na Universidade Estadual da Feira de Santana, que é a universidade referência para a Equipe Colaboradora 6 no estado, organizava um grupo de professores para ajudar nos trabalhos de algo que a gente ainda desconhecia, sabia que era um trabalho articulado a um programa e um projeto social. Que era um programa e projeto social no campo da atividade esportiva, mas ainda com poucas informações e ele nos convidou naquele momento a integrar o grupo.

C.M – E você Carlos?

C.S – Ingressei na Equipe Colaboradora em setembro no segundo semestre de 2010 a partir de um convite dos líderes da Equipe Colaboradora 6, os professores Admilson Santos e Sandra Regina Rosa Faria. E a partir deste convite através da indicação acabei ingressando na Equipe.

C.M – E como a equipe está se organizando desde esse início? Como tem sido a participação, a entrada e saída de pessoas, as atividades?

---

<sup>1</sup> Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira.

J.O – A equipe passou no período de 2008 até o ano de 2012, três momentos diferentes em relação à questão de coordenação. As mudanças foram sempre em função da necessidade do afastamento temporário de um ou de outro coordenador ou colaborador para dedicar-se à formação continuada. O professor Luís Alexandre estava terminando o doutorado e depois, em seguida, passou em um concurso na Universidade Federal do Espírito Santo e precisou se desligar. E o professor Admilson e a professora Sandra, que mais recentemente coordenavam a equipe precisaram se afastar para estudos do pós-doutorado e de um do doutorado sanduíche no exterior, então eu comecei a coordenar a Equipe. Nesse meio tempo acho que tiveram inúmeros outros colegas que compuseram a Equipe. E são em grande medida aqueles que se afastaram se afastaram por essas mesmas razões é que eu mencionei em relação aos coordenadores. Em função de conclusão de doutorado, em função de viagem ao exterior, transferência de residência, mas todos mantêm até hoje um vínculo com a Equipe no sentido de estar disponível para voltar e contribuir com os trabalhos e estar sempre próximo acompanhando o que está acontecendo na Equipe, quais mudanças têm acontecido, o que é que se tem captado o trabalho da Equipe e a realidade dos grupos. A gente tem um grupo hoje na base de pelo menos umas vinte pessoas que se envolveram ao longo deste período com o trabalho da Equipe Colaboradora. Hoje compõe a equipe doze pessoas.

C.M – E hoje quais as atividades que a equipe está desenvolvendo?

J.O – A equipe faz um trabalho de acompanhamento de trabalho pedagógico dos convênios. Claro que para além dessa ideia de acompanhamento pedagógico a gente acaba fazendo acompanhamento da execução administrativa do próprio convênio. E desde o ano passado para cá, a gente tem cada vez mais investido no sentido de aprimorar essas duas atividades, tanto o suporte administrativo do convênio facilitando com esse aspecto administrativo não impacte tanto no pedagógico e tentando cumprir com aquilo que de fato é o trabalho da equipe que é a assessoria, a capacitação dos profissionais durante a implementação do projeto, as visitas *in locu* no processo de formação e aprimoramento aos serviços que o Programa oferece àqueles que dele se beneficiam, que são as comunidades que de alguma forma estão expostas a alguma situação de vulnerabilidade ou risco social.

C.M – Carlos, quais as atividades que você tem feito na Equipe?

C.S – Para além dessas informações que Danilo acabou de informar, nós estamos desenvolvendo também uma atividade a partir de um convênio firmado entre o Ministério do Esporte e o MEC, é o “PST no Mais Educação”. Convênio este que coube a responsabilidade de estar fazendo a capacitação dos monitores que trabalham no PST Mais Educação, que é diferente do PST padrão, haja vista a utilização da ferramenta da Educação à Distância. Houve todo um estudo de como fazer isso e teve o primeiro *start*, a primeira capacitação e ficamos sendo também os tutores. Nesse formato de EAD, os capacitantes tiveram acesso as vídeo-aulas, slides, fóruns de discussão e tarefas acerca dos conteúdos do Programa. E nós, colaboradores-tutores damos os *feedbacks* necessários a partir de dúvidas que surgiram e também das dificuldades em acompanhar o desenvolvimento da capacitação.

C.M – E o que vocês vêm de limites e possibilidades do Programa?

C.S – Olhar e falar dos limites e possibilidades DI Programa é necessário fazer isso sobre duas perspectivas: a primeira de olhar para trás e ver o caminho percorrido, ver o quanto esse trabalho vem se consolidado e o quanto isso tem impactado no sentido de qualificar o atendimento que as crianças têm nos núcleos. E essa qualificação do atendimento só foi possível por conta desse aprimoramento tanto no que diz respeito à formação, como de acompanhamento do Programa e essa concepção nuclear das Equipes Colaboradoras que têm um papel estratégico importante em aproximar essas duas realidades. As dificuldades elas também se apresentaram. Então é bom olhar para trás e ver quanto conseguimos avançar, mas na medida que nós vamos dando esses passos há um horizonte que também se afasta da gente porque outras coisas continuam ainda por serem resolvidas. Em grande medida essas coisas podem ser resolvidas, elas são de ordem administrativa mas também de ordem pedagógica. Administrativas no que diz respeito a cada vez mais uma consciência dos gestores públicos, dos coordenadores de convênio, dos coordenadores do núcleo, da importância que tem, que de fato o Programa impacta nas comunidades onde está inserido. Do ponto de vista pedagógico, tanto as implicações que o administrativo trás para o pedagógico quanto as próprias fragilidades que a gente ainda encontra pela complexidade que é o trabalho pedagógico, sobretudo o trabalho pedagógico em uma situação que a gente não consegue controlar todas as variáveis porque elas sempre são

inusitadas, eu acho que esse é um primeiro elemento. O segundo elemento é a gente olhar para frente, o Programa cada vez mais consegue ganhar uma conotação de referência, não só para as próprias comunidades e para aquele que estão envolvidos como para a comunidade acadêmica da área de Educação Física, isso é algo muito positivo porque a experiência que o PST vem produzindo do ponto de vista da sua proposta pedagógica e da forma como ela se organiza, para implementação e avaliação do Programa, pode ajudar a pensar um conjunto de outras ações na esfera da política pública, seja no campo do esporte e lazer, seja em outras áreas. Mas ainda ficam muitos desafios: os desafios da melhor formação dos coordenadores, o desafio de conseguir dimensionar como é que a gente impacta de fato na melhoria das condições de vida dessas pessoas que a gente supostamente está elegendo como beneficiário do Programa, de como a gente, ao mesmo tempo que faz um Programa de natureza social, não torná-lo um projeto com uma característica apenas, a assistencialista, mas que de fato ela forme pessoas que tenham consciência que o acesso ao esporte é um direito social, de que aquele esporte tem um papel importante para sua formação humana, para outros aspectos também isso são desafios que estão postos para que a gente possa cada vez mais consolidar o projeto como um projeto de democratização de acesso do esporte e ao lazer nas comunidades.

J.O – Dentro disso eu gostaria de destacar, uma das fragilidades que a gente acompanha e tem identificado durante as visitas *in loco*, durante o dia a dia é da questão pedagógica. E a partir disso surge assim, uma nova demanda, porque a gente vai lá, faz a capacitação, tem o acompanhamento da orientação, e mesmo assim permanece ainda a dificuldade relacionada a formação. E aí é que surge o projeto piloto, que hoje nós estamos apresentando aqui alguns relatos de experiência de todas as equipes. Então, a gente está se debruçando sobre isso no sentido de estar acompanhando, mais próximo dos convênios, mais próximo dos coordenadores de núcleo, para estar a partir daí dando o suporte pedagógico realmente. Tirando as dúvidas para que ele possa desenvolver um trabalho ainda melhor. Para isto estamos desenvolvendo um trabalho legal, um trabalho significativo, para dar mais qualificação a esse trabalho, dentro do planejamento, de todas as avaliações, para que realmente este trabalho tenha um reflexo maior e positivo para a comunidade. Então, dentro das fragilidades e dos avanços, esse momento também é importante porque é o momento que se reúne todas as Equipes do Brasil inteiro para estar discutindo os avanços e aquilo que a gente pode modificar, aquilo que a gente pode melhorar para contribuir ainda

mais para que realmente o trabalho tenha visibilidade; já tem uma visibilidade boa, mas que venha realmente impactar ainda mais e abranger outras comunidades que ainda não chegaram.

C.M – Sobre as capacitações, como a equipe tem conseguido participar e a opinião de vocês sobre a capacitação.

J.O – A capacitação ela tem uma rotina, a partir de um modelo que é proposto pelo próprio Ministério do Esporte, que a gente precisa em alguma medida estar organizando em função dessa orientação. Tem um determinado prazo para que ela seja realizada, concebido pela ideia de que os coordenadores de núcleo precisem ter o contato direto com a realidade, para a partir daí pensar a necessidade de compreender os componentes da capacitação que pode ajudar eles a pensar aquela realidade. Então iniciadas as atividades do núcleo do convênio temos até trinta dias para realizar essa capacitação, e nesse processo de capacitação, ajudar o núcleo a pensar o conjunto daquelas ações que serão desenvolvidas pelo convênio. Ao mesmo tempo que o Programa tem uma orientação, também permite a gente desenvolver experiências que possam aperfeiçoar essa base que o Programa coloca, sendo base e referência para o modo de funcionamento das capacitações. Nós já tivemos três tipos diferentes de capacitações ao longo do Programa neste período. A gente tinha uma capacitação em que os coordenadores de núcleo e coordenadores de convênio de todo Brasil se dirigiam para uma determinada região a serem capacitadas. Naquele momento existia uma aproximação direta entre aqueles que estavam na ponta implementando o projeto e aqueles que tinham elaborado as propostas de suporte para o projeto. Mas se avaliava, naquele momento, que existia uma dificuldade em adequação das propostas das realidades em que cada convênio se encontrava por conta desta diversidade que a gente tem por sermos um país nas dimensões que nós temos e com as diferenças culturais e peculiaridades regionais. E a gente acaba não conseguindo de fato fazer com que aquilo que tinha sido pensado para orientar as práticas desse conta desse desafio. Nós começamos a trabalhar com a segunda proposta, que foi uma proposta de capacitação realizada na sua integralidade pelas Equipes Colaboradoras. Nesse segundo formato, avaliava-se que a gente conseguia dar mais conta das peculiaridades regionais e das características culturais de cada região onde estava sendo desenvolvida a capacitação, mas perdia um pouco em conteúdo do domínio teórico das propostas de cada um dos temas



trabalhados na capacitação. Tendo em vista que nesse processo de capacitação havia uma perda significativa de conteúdo. Nós estamos agora em uma terceira estratégia de capacitação, que ela é elevar a fala, os autores das propostas dos temas para as capacitações através de vídeo-aula, e essas capacitações são realizadas pelas Equipes Colaboradoras que tem esse papel de fazer a mediação entre a concepção teórica do texto da proposta e a aproximação com a realidade com cada um desses elementos que constituem as equipes conhecem do contexto que está sendo realizado aqui. Mesmo assim esse processo ainda tem fragilidades tendo em vista a nossa própria falta de hábito de trabalhar com vídeo-aula, de trabalhar com uso de novas tecnologias, seja de quem está sendo capacitado, de quem está sendo mediado ou de quem gravou o próprio vídeo que uma coisa é você falar para as pessoas, outra coisa é você gravar um vídeo que precisa ter toda uma dinâmica de atrair a atenção uma série de coisas. Isso tem sido ajustado, mas falamos em outra proposta de capacitação em que tenha mais tempo para que os próprios sujeitos que estão sendo capacitados possam ter mais presença, de colocarem mais as suas dúvidas, apresentarem mais o que eles pensam de como deve funcionar o Programa e, a partir daí, cada Equipe poder construir uma lógica de entendimento de funcionamento do Programa e de aproximação das diretrizes a partir da concepção que tem aquelas pessoas, ampliando também o número de vivências que possam ser feitas com cada um dos coordenadores e monitores. O que é mais importante, na minha visão, não é se nós estamos fazendo a coisa mais certa, mas é que o processo de pensar o Programa tem nos feito o tempo todo pensar se nós estamos fazendo a coisa certa e procurando aperfeiçoar o processo para chegar o mais próximo possível daquilo que pode trazer melhor efeito. Então, acho que é importante registrar isso porque não sei se tem uma fórmula para capacitar, mas eu acho que a fórmula do que a gente esteja sempre pensando se aquilo que a gente está fazendo está dando conta e se é a melhor forma da gente continuar construindo um processos de aprimoramento das capacitações. Eu acho que isso é importante na concepção do projeto e na concepção das capacitações.

C.M – Então agora, tem mais alguma coisa que vocês querem deixar registrado?

C.S – Volto só a enfatizar a importância desses encontros<sup>2</sup>, porque assim como o Danilo falou agora desses processos de construção e capacitação e a depender daquilo que a gente vê de necessidade, de querer estar fazendo algo que é necessário para o momento é que a gente está no fervor das discussões, dos debates para definir um formato de capacitação para 2013. Então, a partir daqui que a gente vai discutir daquilo que vai ser definido aqui, vai se alterar algumas coisas, frente a isso que a gente tem identificado porque está em um formato, mas a gente tem visto que ainda precisa avançar em alguns pontos e para ser discutido. Ao final do encontro a Equipe Gestora vai estar compilando todas essas informações, a partir daí se definindo algumas alterações, modificações para que o mais importante aconteça, as crianças lá recebam, tenham acesso realmente a uma educação de qualidade, tenham acesso ao esporte para que elas possam usufruir daquilo que é direito, está entendendo? Porque foi construído pela humanidade e a gente tem o direito de usufruir disso. Não apenas ter o futebol, por exemplo, que é forte no nosso país e só tem o futebol, ter também direito a tantas outras atividades. Então assim, para que eles possam aprender a praticar no momento de lazer, mas que ele também saiba refletir sobre aquilo, está entendendo? Não ficar apenas no discurso, só as discussões de rivalidade entre grupos mas que ele saiba fazer uma leitura crítica daquele esporte, porque que só o esporte é hegemônico no país, está entendendo? Esse é o grande barato dessa reunião anual, que é esse encontro, para que a gente possa avançar e para que as crianças lá na ponta possam realmente ter uma qualidade maior de conhecimento e de oportunidades.

J.O – Eu diria assim Chris, se tem algo que nos move, que é o processo de democratização de acesso ao esporte de pensar nas políticas públicas de acesso ao esporte e de pensar um programa como esse como uma política pública de Estado, de fazer com que cada vez mais um número maior de crianças se beneficiem dele e tenha acesso com qualidade àquilo que eles propõem. Acho que tem algo que precisa ser registrado também que é ganho pessoal e profissional de estar participando desse processo. Se a gente olha para conseguir tudo isso que eu falei aqui atrás que a situação é muito complexa que a gente vive uma situação de desigualdade e de realidade cotidiana nas comunidades, nos grupos que nos colocam em situações de perplexidade olhar para trás e poder ver tudo aquilo que a gente conseguir avançar em três, quatro anos de Programa, em três, quatro anos de trabalho. É algo muito

---

<sup>2</sup> Referência aos Encontros Anuais das Equipes Colaboradoras. A entrevista foi realizada nesse encontro.

significativo e que nos dá uma sensação muito bacana de poder ver que, embora seja complexa a realidade, muitas coisas podem ser alteradas. E que a gente, se não conseguir fazer essas mudanças todas de uma única vez, elas vão sendo e vem sendo paulatinamente enfrentadas. Fora isso, acho que pessoalmente e profissionalmente participar da experiência e como a gente está construindo um Programa Segundo Tempo no Brasil tem sido algo muito enriquecedor, tanto pela forma como são conduzidos os trabalhos que nos colocam cursos de partícipes das decisões e das projeções daquilo que vai ser feito, como também ao mesmo tempo respeitando a autonomia e os nossos anseios e desejos na construção do projeto. Então conseguir conciliar tudo isso é algo merecedor de muitos méritos e elogios, e a gente tem que parabenizar aqueles que têm se dedicado a fazer isso por essa dimensão.

C.M – Ok. Em nome do Centro de Memória do esporte, a gente agradece: Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]